



Entrevista: Dr. Mauro de Athayde:

O Dr. Mauro de Athayde, 77 anos, várias vezes campeão paranaense, é uma das figuras mais queridas e ilustres do Clube de Xadrez de Curitiba. Em janeiro de 2009, ele deu seu depoimento a Leandro Salles, na Sala Otto Mak do CXC:

LS: Como foi o seu começo aqui no Clube de Xadrez de Curitiba?

MA: Eu comecei a frequentar aqui quando eu vim de Santa Catarina, em 1953. Comecei jogando o Torneio da Segunda Turma, onde jogava o Gubert, o Arlindo... Foi o primeiro torneio que eu ganhei. E depois em 54, ainda participei de um torneio no clube, o campeonato paranaense, onde eu ganhei três seguidas, depois mais três.

LS: E quem eram as pessoas que frequentavam o CXC na época?

MA: Tinha o Ernani Santiago de Oliveira, que foi vereador e prefeito de Curitiba. Há inclusive uma rua na frente do Palácio com o nome dele. Fez muitas obras sociais, era um jogador muito talentoso, muito novo, foi um grande tribuno, era advogado. Quando precisava de um orador, era só colocar o Ernani lá. Depois se mudou para SP e em 1954 já não estava mais aqui. Joguei duas partidas com ele, uma delas um ataque Marshall. Ele gostava daqueles ataques fortes.

O Otto Mak, que empresta o seu nome a essa sala, era outro jogador muito conhecido. Acho que foi o único que jogou todos os campeonatos paranaenses na época. Pessoa boníssima. Havia também o Dr. Erbo Stenzel, que esculpiu aquela estátua do Homem Nu [na praça 19 de dezembro, no centro de Curitiba] e estudou Belas Artes.

LS: Como era o estilo de jogo deles?

MA: O Otto tinha um estilo posicional. Inclusive, o Hengels concedeu-lhe o apelido de "Muralha Paranaense", porque era muito difícil de bater, empatava nove e não perdia uma. Era um estilo muito difícil. Então, tinha que sair com estilo mais agressivo para poder fazer um bom resultado.

Já o Erbo tinha um estilo oposto. Não podia propor empate para ele, pois como disse o Tartakower: "Propor empate era um desvio a dignidade". O Erbo também achava isso. Eu nunca propus empate para ele, estando melhor ou pior, porque ele se sentia até ofendido. O estilo dele era muito, muito agressivo, um jogador muito combativo. Tenho um histórico dilatado com ele, 13 a 1. Ele era muito combativo e agressivo, e por isso às vezes deixava falhas.

A única partida que empatamos foi num zonal em que nós dois poderíamos nos classificar. Fomos jogando. A certa altura ele ficou pior, perdido, e foi a única vez que propôs. Eu ganho, não podia aceitar, e então Erbo ficou meio ressabiado comigo, mas como que vou empatar?

LS: Havia algum jogador conhecido por seu bom humor?

MA: Cada um deixou sua característica. Teve o médico Gravina, de Ponta Grossa, um forte jogador, jogou campeonatos estaduais e era famoso por suas tiradas. Ainda pretendo publicar as tiradas dele. Uma delas era falar durante a partida: "cada enxadada uma minhoca". Sempre muito espirituoso. Há várias que ficam até hoje. Havia um jogador em Ponta Grossa como o Iridio, que só jogava Pirc, Inglesa, etc. Então o Gravina colou esse peão aqui [o peão de c2] no tabuleiro. O outro foi jogar, sentou na mesa e não conseguiu fazer seu lance (risos).

LS: O CXC era, então, o grande local do xadrez...

MA: Era o único! Depois teve o Clube Juvevê, e um pouco lá na rodoferroviária. Por isso nós lutamos para não deixar isso aqui morrer, porque aqui é a célula primeira, a origem de tudo, todos passaram por aqui. O Sunye passou por aqui uma época, depois o Disconzi... eles tiveram seu aprendizado aqui nesse Clube.

LS: Nas décadas de 60 e 70, quais foram seus principais resultados?

MA: Eu fui evoluindo, em 1962, 63, 64, joguei os Paranaenses. Depois, em 1964, fiz minha residência no Rio de Janeiro, em pediatria na Universidade Católica do Rio. Nessa época parei um pouco de jogar torneios. Outro que joguei foi o Paranaense de 1969, quando já jogavam Justo, Vitório [os irmãos Chemin], Ernesto [de Assis Pereira]. Em 1977 teve um Brasileiro aqui em Curitiba, me classifiquei para jogar, depois na final não lembro como fiquei. Ganhei dos dois irmãos, Dirk Dagobert e Herman. O Sunye ganhou aquele torneio. Mas tem uma época em que a gente precisa parar, como tudo, pelo menos competitivamente. Eu ainda acompanho, tenho uns amigos que fiz que frequentam o clube.

LS: O senhor ainda joga?

MA: Jogo relâmpago. O xadrez é uma coisa importante na vida da gente, é uma espécie de passatempo lúdico, onde a gente faz muitas amizades, essa é a maior virtude. Um enxadrista no mundo é um amigo. O xadrez é uma linguagem universal, é uma língua como o esperanto. Uma vez fui na Bahia, em 1963. Cheguei lá, e acabei ficando meio sem dinheiro. Falei com o Presidente do Clube de Xadrez baiano, que nunca tinha me visto na vida... Ele me ajudou, depois eu reembolsei. Aí você vê a parte da amizade do xadrez, universal.

Naquela época de Guerra Fria, entre Rússia e Estados Unidos, os enxadristas desses países não estavam nem aí para essas coisas. No torneio de Petrópolis, Bronstein, Reshevsky, não estavam nem aí para a política. Jogavam, analisavam. Essa é uma virtude do xadrez. Essa juventude não pode ir para males mais perigosos. Xadrez é uma droga boa, você tem que dosar.

LS: Um dos seus grandes resultados foi no Sul-americano...

MA: Em 1963 eu joguei o Brasileiro, tava em residência, mas fui jogar. Joguei muito bem. No Brasileiro não perdi nenhuma partida, ganhou o Antonio Rocha e eu fiquei em segundo com o Helder Câmara empatado nos pontos. Depois, em Fortaleza, fui jogar o Sul-americano. Jogou toda a turma argentina, o Rosseto, os

uruguaio, e do Brasil jogou Helder Câmara, Antonio Rocha. Lá perdi só uma partida para o Rosseto, que ganhou o torneio. Em segundo ficou outro argentino, o Foguelman. Em terceiro fiquei empatado com outro argentino e um peruano.

Então, quando fui jogar o match de desempate, não é para me justificar que eu não me classifiquei, mas eu ficava na residência no hospital de dia e de noite ia jogar o match. Ganhou o peruano Quiñones, e foi para o Interzonal. Porém, felizmente, para mim, há males que vem para bem. Se eu houvesse ganhado esse desempate, não sei o que aconteceria, jogaria na Europa o Interzonal, talvez prejudicaria meu curso. Teria que interromper ou não a residência. Claro que senti perder, mas por outro lado não.

LS: O Sr. nunca tentou seguir uma carreira profissional?

MA: Na época era muito mais difícil. Hoje ainda dá, tem mais visibilidade. Mas antes, só os grandes campeões conseguiam, só os russos sobreviviam. Não sei até hoje se iria para a Europa jogar o Interzonal.

Joguei fundamentalmente os torneios do Clube, era difícil conciliar, dosar as coisas. Tem um pessoal brasileiro agora, o Fier está bem. O Sunye foi profissional por muitos anos, mas ele tem outra atividade, é empresário. Mas, nessa época de 60 e poucos, pelo rating eu seria MI. Peguei o título de Mestre Nacional, que hoje não vale nada. Mas se pegasse os resultados da época, eu seria o que se diz hoje de MI.

LS: Como era o estudo do xadrez na sua época?

MA: Hoje isso é algo que está muito facilitado. Se você, por exemplo, quer jogar uma variante X da Índia do Rei ou Siciliana, você puxa ali N partidas, milhares de partidas, então ficou muito facilitado. Você quer uma variante, você pega direto pela variante. Naquela época não tinha muitos recursos, era mais baseado nos livros, a maioria importados, que os argentinos compravam. Tinha uma revista chamada Ajedrez e outra inglesa que se chamava Chess.

Então o estudo era muito diferente e muito difícil, você tinha que sentar, analisar tudo por conta. Antes, quando eu queria jogar uma variante, eu pegava as revistas, selecionava as partidas que continham aquelas linhas de jogo, às vezes transcrevia para outro lugar, para começar a ter uma base. Mas ali cada um ia por conta, era mais na base da imaginação. Alguns jogadores chegaram a fazer uma teoria, Steinitz, Lasker. Hoje o progresso tecnológico é determinante. Antes o xadrez era mais veterano também, o Souza Mendes, por exemplo, foi campeão [brasileiro] com 68 anos. Hoje o xadrez é mais um jogo de jovens, eles têm uma memória boa. Hoje garotos com 14, 15 anos já são Grandes Mestres. Além da informação tem que ter o talento individual.

LS: O senhor mantém uma pasta com as suas partidas?

MA: Eu sou meio relaxado, eu tenho algumas. Tem gente que pergunta: "Cadê as partidas, cadê suas partidas?". Eu tenho algumas, mas a gente perde. Saíram

algumas na internet. Eu estou para fazer uma coletânea, o [Henrique] Marinho que me incentiva a fazer uma coletânea com as melhores partidas.

LS: Por que você acha que há poucas mulheres que jogam xadrez? Antes também era assim?

MA: É, o Brasil até teve algumas. Em um Brasileiro que eu joguei, teve um Feminino paralelo, teve umas argentinas que jogaram com as brasileiras. Naquela época tinha a Ruth Cardoso, e outras que agora não lembro, a Dora Monteiro. Já havia naquele tempo. Agora, hoje já tem mais, depois que as Polgar surgiram. Tem as chinesinhas que jogam.

Não sei se é uma diferença de sexo ou cultural. Hoje tem as russas e o nível está ficando altíssimo. No passado teve a Vera Menchik, que foi bem famosa.

LS: Como o Sr. enxerga o surgimento de outros países no cenário mundial do xadrez?

MA: O esporte está mudando. Países que, pessoalmente, eu achava que não tinham xadrez, hoje tem. A China surgiu de repente. Um país do qual eu nunca tinha ouvido falar de xadrez, o Vietnã, ficou em quinto lugar na Olimpíada, e eu nunca tinha ouvido falar em vietnamita jogando xadrez [risos]. Já o Japão, por exemplo, o jogo deles é outro. O jogo lá é o tal de Go, é complicado, joga com as peças para disputar territórios, é o jogo oficial lá. O Marinho joga o Go, até um dia ele quis me ensinar, mas eu não consegui aprender o espírito da coisa, que é ocupar espaços, com as peças todas iguais.

LS: Antes, para entrar aqui no Clube, só se entrava de terno? Qual era a vestimenta?

MA: O terno fazia parte da vestimenta da época. Nos cinemas não se entrava sem terno e gravata. Inclusive, se você ia ao cinema sem gravata, o lanterninha te dava uma gravata para você se sentir confortável. Mas aqui no Clube nunca houve qualquer restrição desse tipo.

LS: O senhor teve algum tutor, alguma pessoa em quem se espelhar?

MA: Não, não... Naquela época era cada um por si, eu sempre fui autodidata. Claro que houve jogadores nos quais eu me espelhei, olhava muito as partidas. O Alekhine, por exemplo, que se preparou muito para aquele match contra o Capablanca, era um jogador excepcional.

LS: E o Clube, como o senhor o vê hoje? Deve ser o único Clube do Brasil com toda essa vivacidade.

MA: Pois é, os clubes hoje em geral vivem uma crise. Creio que isso acontece devido ao fato de que há muitos lugares para se jogar xadrez, inclusive gratuitamente: colégios, bibliotecas, a própria internet. Um clube, para sobreviver, precisa funcionar como uma empresa.

Nosso Clube tem se mantido, mas com muitas dificuldades, muitas. Apesar de as últimas diretorias não terem ajudado muito, agora parece que o Clube está em um bom caminho, com o Acyr e sua turma. Mas mesmo assim, é muito difícil. Antes, na década de 50, por exemplo, você chegava no Clube e não tinha mesa disponível para jogar. Havia 20, 30 pares de jogadores nas mesas, e você tinha que esperar a vez para jogar. Hoje, com a diversificação, não é mais assim. Antes, também, havia jogadores que jogavam aqui grandes quantias, no baralho, o que acabava dando um sustento para o Clube. Nos últimos anos do baralho, as pessoas vinham aqui para jogar 10, 15 reais, o que quase não gerava reservas para o Clube. O Clube, antes, tinha mais de 300 sócios. Como eu disse, precisava esperar mesa para jogar. Hoje, é um dos poucos que vem se sustentando. Vamos ver, o caminho acho que é tentar conseguir algum patrocínio e alugar a sala onde antes era o baralho.

LS: O senhor tem alguma mensagem para deixar para os novos sócios e para o pessoal que tem se esforçado tanto para manter o Clube de pé?

MA: Eu tenho uma palavra: esperança. Não deixemos a peteca cair. Temos que lutar com todas as forças para não deixar o Clube afundar. As pessoas não precisam nem contribuir trazendo novos sócios, o importante mesmo é participar. Tem que continuar com os torneios, que trazem gente de fora e tem uma contribuição na parte econômica importante.

Temos que lutar até o fim para não deixar o Clube fechar. Seria muito triste ver um patrimônio como esse, por onde passaram diversas gerações de enxadristas, fechar. Precisamos chamar os jovens que participam para que mantenham esse lugar, e que nunca percam a esperança. Como disse o Mário Lago poucos dias antes de morrer: "Quando a pessoa perde a capacidade de ter esperança, é melhor apagar o seu arco-íris". Acho que é por aí. Enquanto tivermos esperança, tudo estará a salvo.